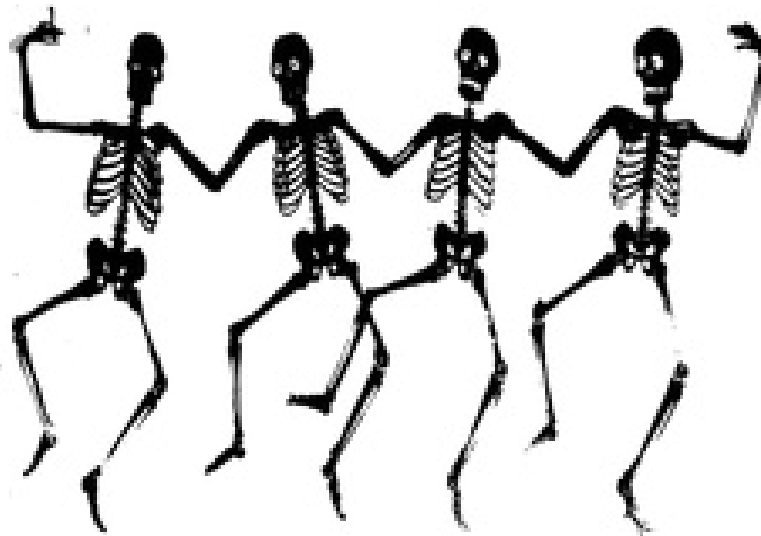




Esqueleto

- Novembro de 2017

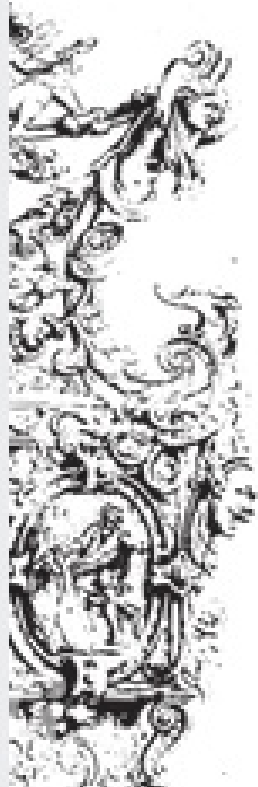


DECOM
DEPARTAMENTO DE COMUNICAÇÃO

A reforma...



Jornal Informativo do Departamento de
Comunicação
do Centro Acadêmico XXI de Abril
da Faculdade de Medicina da UFG



CAROS FMANOS,

Venho por meio desta comunicar que a edição de novembro de 2017 do nosso querido Jornal do Esqueleto está (finalmente) disponível! Depois de adiar (várias vezes) a data de publicação, conseguimos fazer a segunda edição a tempo. Ufa!

Nesta tiragem trouxemos algumas novidades (incluindo a editora, eu, Isabella Valente) como alguns textos que tratam do empoderamento feminino, o que casou muito bem com a criação do Coletivo Bertha Lutz—coletivo feminista da nossa faculdade —, além de novidades acerca da estrutura da Faculdade de Medicina. Ademais, há uma entrevista com a nova coordenadora da Faculdade de Medicina/UFG e um interessante texto sobre ética médica na contemporaneidade.

Acharam que seria só isso? Não mesmo! Como (absurdamente bem) evidenciado pela Semana Cultural de 2017, essa medicina é cheia de talentos incríveis nas mais diferentes formas de arte e a escrita é uma delas. Então, abrimos espaço nessa edição para todos os colegas escritores (li vários textos merecedores de um Jabuti de Ouro) se expressarem e compartilharem crônicas, contos e críticas também acerca de todas as situações que vivemos dentro e fora da faculdade.

Gostaria de agradecer a todos do DECOM por fazerem esse jornal viver com seus textos, edições e formatações. E gostaria de fazer um agradecimento mais especial ainda aos colegas que mandaram seus textos, mesmo não fazendo parte deste departamento. É isso que queremos! Esse jornal não é do DECOM, é de TODA a faculdade, por isso, convido que todos mandem seus textos, pode ser um poema pílula ou uma dissertação de três páginas, não importa, queremos que todos tenham suas vozes ouvidas (sem desrespeitar os Direitos Humanos, ha ha). Afinal, é para isso que serve um jornal acadêmico.

Muito obrigada, e ótima leitura!

REFORMA E FUNCIONAMENTO DO NOVO PAVIMENTO DA FACULDADE DE MEDICINA

No dia 10 de outubro deste ano foi inaugurado o segundo andar da Faculdade de Medicina da Universidade Federal de Goiás. A cerimônia contou com a presença do reitor da universidade, Professor Doutor Orlando Afonso Valle do Amaral, da diretora da Faculdade de Medicina, a Professora Doutora Fátima Maria Lindoso, além de outros docentes, técnicos administrativos e discentes da instituição.

O novo pavimento da faculdade conta com diversas estruturas. Há quatro salas de aula, departamentos de especialidades, um novo laboratório de habilidades, 16 salas de simulação, escaninhos, salas de professores, salas para a pós-graduação, o núcleo de telemedicina, entre outras. Além disso, haverá um espaço para a extensão e para a pesquisa. Embora as obras tenham sido entregues, várias estruturas ainda não estão sendo utilizadas, por diversas razões.

Vários departamentos de especialidades, como o Departamento de Clínica Médica e o Departamento de Cirurgia, situavam-se anteriormente no Hospital das Clínicas e passarão a localizar-se na própria faculdade. Alguns departamentos adiaram suas mudanças para o segundo andar devido a um atraso na conclusão da rede de telefone e *internet*, o que já foi resolvido. Além disso, outros departamentos optaram por adiar essa mudança para períodos não-letivos, pois ela traria transtornos à comunidade acadêmica. Os departamentos de Saúde Mental e do Internato já realizaram a mudança e encontram-se em funcionamento no segundo andar. O Núcleo de Estudos e Pesquisa em Educação na Saúde (NEPES), por sua vez, tem a previsão de se instalar no segundo andar em meados de novembro deste

ano.



Quanto às salas de aula, foram construídas quatro salas, duas com capacidade para 120 alunos e duas com capacidade para 60 alunos. Uma das salas de aula já possui 116 cadeiras. Ainda, foram adquiridas outras 240 para a estruturação das demais salas, as quais ainda não foram entregues, mas possuem previsão de entrega para os próximos dias. Outros recursos como quadros-negros, projetores, telas de projeção, computadores e mesas de professores ainda não puderam ser adquiridos, mas os diretores da faculdade já se mobilizaram para buscar apoio para adquirir tais

equipamentos. As salas de aula, assim como todos os outros ambientes do novo pavimento, com exceção dos escaninhos, possuem climatização, de modo que os equipamentos já foram instalados.■

A biblioteca da Faculdade de Medicina, que situa-se no térreo, também passou por algumas alterações e deve ser entregue no mês de novembro deste ano. O ambiente foi ampliado e o laboratório de informática passará a situar-se onde era a sala de reuniões e o departamento de saúde mental. Além disso, a biblioteca contará com um novo ar-condicionado. Não foram adquiridos novos computadores para o laboratório, pois, assim como no caso de equipamentos para as salas de aula, é necessário apoio financeiro, o qual tem sido buscado pelo corpo administrativo, de modo que esta necessidade deverá constar no plano da nova diretoria eleita neste ano.

Embora as salas de aula ainda não possam ser utilizadas, o laboratório de habilidades já está instalado no segundo andar, de forma que diversas disciplinas já puderam utilizá-lo. O novo laboratório possui tamanho significativamente maior do que o anterior e conta com salas de simulação, as quais permitem a realização de provas práticas. Não está claro qual será o uso

laboratório do térreo, mas ele poderá ser destinado à técnica operatória.

É esperada a construção de um terceiro e quarto andar para a faculdade. Entretanto, devido à escassez de recursos, essa obra não possui previsão. Quanto ao térreo, espera-se que as salas hoje destinadas aos departamentos sejam reformadas para a construção de novas salas de aulas.

Percebe-se, portanto, que as novas instalações ainda precisam de equipamentos para que sejam plenamente utilizadas pelos discentes, pelos docentes e pelo pessoal técnico administrativo. Entretanto, estruturalmente a obra já foi concluída e alguns dos objetos necessários já foram adquiridos, como cadeiras de aula e mobília para os departamentos, que foram recebidas como doações de outras instituições. Quando concluída, esta obra certamente trará inúmeros benefícios a nós, estudantes da casa.

As informações presentes neste texto foram obtidas com Daniel, técnico administrativo da Faculdade de Medicina da Universidade Federal de Goiás, e com a Professora Doutora Fátima Maria Lindoso, diretora da Faculdade de Medicina.

Matheus Spadeto Aires – Turma LXII

ENTREVISTA COM A DRA. ROSANE ALVES: A NOVA COORDENADORA DO CURSO DE MEDICINA DA UFG

Possui graduação em Medicina pela Universidade Federal de Uberlândia (1982), mestrado em Medicina Tropical pela Universidade Federal de Goiás (2003) e doutorado em Medicina Tropical pela Universidade Federal de Goiás (2006). Atualmente é supervisora de Residência Médica em Ginecologia e Obstetrícia do Hospital das Clínicas da Universidade Federal de Goiás (HC/UFG). Responsável pelos ambulatórios de Patologia do Trato Genital Inferior e Colposcopia da Maternidade Dona Íris; Coordenadora do Curso de Medicina da Universidade Federal de Goiás (FM/UFG); Membro do Conselho Editorial da RBGO Gynecology&Obstetrics; Membro do Conselho Editorial do JB-DST - Jornal Brasileiro de DST. Membro da Comissão Nacional Especializada de Doenças Infecto-Contagiosas da Febrasgo.

Segue abaixo a transcrição da entrevista feita pelo Departamento de Comunicação (DECOM) do Centro Acadêmico XXI de Abril (CAXXIA) com a nova Coordenadora

do Curso de Medicina da UFG, Dra. Rosane Ribeiro Figueiredo Alves:

DECOM: *Como foi sua trajetória até aqui?*

Dra. Rosane: Bom, eu estou aqui na Faculdade de Medicina como professora-adjunta desde 2010. De vida profissional eu tenho 35 anos, sou ginecologista obstetra. A Coordenação de Curso é definida por convite da Diretoria.

DECOM: *Quanto ao contato dos discentes com a coordenação, como ficará?*

Dra. Rosane: Pretendo ser o mais acessível e próxima do corpo de alunos quanto possível. O contato deve ser feito através da secretaria, marcando um horário para encontro, ou então é possível me contatar por e-mail.

DECOM: *Ultimamente, nosso curso tem sofrido muito com a questão da saúde mental dos estudantes, principalmente com a quantidade de matrículas trancadas no primeiro período. A senhora conhece o programa SaudavelMente e o Mentoring?*

Dra. Rosane: A troca da coordenação simultânea à visita do MEC para avaliar a Faculdade de Medicina deixou toda a equipe atarefada... Então agora que estou conseguindo organizar as atividades, documentos e afins. Ainda estou na fase de adaptação. Mas achei o momento proveitoso para fazer visitas aos diversos locais em que são ministradas as aulas do Curso de Medicina como o ICB no Campus Samambaia, o Hospital das Clínicas, a Maternidade Dona Íris, enfim, os campos de estágio dos alunos.

DECOM: *Quais são suas expectativas para o cargo?*

Dra. Rosane: Assim, é uma atividade bastante complicada, muito ampla, envolve alunos do primeiro ao sexto ano. A minha expectativa é fazer tudo muito bem feito, que corra tudo de maneira muito amigável com os alunos, com os professores e orientadores. Acredito que a visita do MEC no momento da minha posse tenha sido benéfica em vista da possibilidade de conhecer in situ toda estrutura do curso.

Em seguida foram relatadas à Dra. Rosane Alves as pautas levantadas pelos discentes na reunião com o MEC, as quais ela ouviu atentamente e se dispôs a discutir as demandas com este Centro Acadêmico.

“A minha expectativa é fazer tudo muito bem feito, que corra tudo de maneira muito amigável com os alunos, com os professores e orientadores.”

A ANTIÉTICA SOLICITUDE PELA VIDA

A defesa da vida ou sua preservação foram os pontos motivadores para as primeiras pessoas que resolveram dedicar o seu tempo ao cuidado do outro, o que mais tarde, no contexto sistematizador grego, deu origem à chamada arte médica. Tal arte, praticada seja por meio da mitigação da dor, do alívio—mesmo que temporário—de um sofrimento físico, seja por meio da resolução completa de uma circunstância que fere os predicados físicos de uma pessoa, fundou os pilares da prática médica até então. A morte sempre foi o inimigo a ser combatido, e, nem em um

contexto *dantiano*, poderia ser um objetivo ou mesmo um aliado da profissão médica. A morte e a prática médica eram coisas antagônicas, imiscíveis e diametralmente opostas.

Edmund Pellegrino, em seu primeiro livro, diz que a luta contra a morte travada pelo médico é traduzida em uma palavra: compaixão. Compaixão significa “*sofrer junto*”, sendo, portanto, uma palavra que coloca em simetria o médico e o paciente. Diferentemente das palavras “*misericórdia*” e “ *piedade*”, nas quais se denota uma posição de superioridade entre uma das partes, “*compaixão*” se baseia na caminhada conjunta, na luta travada por companheiros lado a lado, que nesse momento de união possuem inimigos em comum—a morte e o sofrimento.

Sobre esses pilares de luta, e através do conhecimento e da compaixão, foi que se estabeleceu a chamada ética médica. Tendo como patrono *Hipócrates* e seus ensinamentos, é também chamada de ética hipocrática e se traduz na síntese de ensinamentos deixados por vidas que ao longo da história humana dedicaram-se ao combate da morte. Em suma, a ética médica é uma comunidade moral terapêutica, na qual todos aqueles que se tornaram médicos defendiam um grupo semelhante de valores e

princípios, que visavam a sustentação da vida humana.

Com o passar dos anos e com a complexação dos estudos dentro do contexto da saúde humana, criou-se a chamada Bioética, uma complementação dos princípios éticos hipocráticos, visando combater a crueldade no campo da saúde e da ciência. Porém, uma vez moldada as decadências cultural, política e moral em suas fileiras, a Bioética hoje atua muitas vezes na promoção daquilo que combatia: a morte.

Ao observarmos as delimitações conceituais sobre o que seria a chamada “ética médica” atual, tomando as bases estabelecidas pelo Conselho Federal de Medicina, vemos que elas tangem as preocupações sociais das atividades médicas levando em consideração a moral vigente em determinado tempo e local. Bem, e qual seria essa moral vigente atual? Ou melhor, quais seriam essas morais? É difícil dizer que essa moral ou essas morais realmente existem, pois, considerando-se a vigência da lei do relativismo absoluto, introjetada plenamente no inconsciente coletivo, não existe nada certo ou correto de maneira definitiva. Em uma espécie de releitura *empedoclessiana* pós-iluminista do conceito de verdade, nos é pregado hoje que o mesmo fato em situações semelhantes pode tomar formas de certo ou errado,

variando apenas o indivíduo analisador. Ao explorarmos este conceito para a prática médica, nos colocamos em um baita roleta-russa, que aos poucos vem tragando a pedra angular do surgimento de nossa profissão: a defesa da vida.

E, paradoxalmente a toda história e legado dos primeiros médicos, um dos argumentos basilares vigentes da nova bioética que corroboram para isso é a falta de validade da ética hipocrática devido ao seu caráter paternalista. Arraigados à ojeriza ao “*velho médico*”, acadêmicos e professores que analisam de forma anacrônica e relativista os pilares hipocráticos da medicina nos levam a colocar princípios que não seja a vida como prioridade.

Tom Koch já dizia que o *Juramento de Hipócrates* continua a ser o espinho na carne da bioética contemporânea. Numa leitura leiga dessa citação, poderíamos dizer que o tão sagrado juramento se transformou num mero discurso politicamente incorreto, que não é válido ou, ao menos, deve ser relativizado. Indo contra os desejos da *beauty village*, a tradição hipocrática-cristã proíbe determinantemente que o médico use suas prerrogativas de médico para sair matando gente, seja por meio do aborto, do suicídio assistido ou da eutanásia. Claro e límpido, o Juramento nos proíbe de

financiarmos a morte (como se a lei não já o fizesse).

O que se vê hoje são gritos, lutas e debates academicistas acalorados, buscando vias que levem à morte e meios que visem facilitar o fim da vida humana para que estes sejam partes integrantes da atuação médica. Não se vê, nesses mesmos ambientes, gritos e lutas por melhores condições de trabalho para o médico, por hospitais mais capacitados, por seriedade nas escolas médicas e por responsabilidade dos que recebem o título de médico, não, não. O que se vê é a implementação de políticas pró-aborto como base de saúde pública, a obrigação do auxílio médico no suicídio de pacientes e a impensável morte do paciente induzida pelo próprio médico.

Claro que para muitos isso não passa de algo obsoleto, uma imagem do passado em que os tempos eram mais obscuros e menos dotados de liberdade, ou ao menos algo fora de moda. O certo é que o discurso corrente sempre irá se enfezar contra a ética médica tradicional (com mais de dois mil anos de idade), dizendo que o médico “tradicional” se exaltava sobre o seu paciente, sendo ele um opressor, não permitindo que alguém o questionasse e que todos o obedeciam cegamente, privando o seu paciente do mais imaculado direito: a sua autonomia. Prova-se,

assim, o despreparo histórico e filosófico dos que defendem essa ideia, desconhecendo o princípio da compaixão que norteou a medicina por séculos e que vai fortemente contra essa análise.

A questão que fica é a seguinte: o grande problema com a ética pura hipocrática, tanto questionada no meio acadêmico, é o suposto paternalismo e imposição do médico ou a sua revolucionária defesa da vida do ser humano? No livro *Hippocrates' Shadow*, o autor *David Newman* faz uma análise sincera dessa questão. As acusações contra a tradição médica hipocrática ocidental, que se baseiam na colocação da figura do médico como autoritário, que tudo sabia, se impondo sobre o paciente, estão redondamente equivocadas e deslocadas no tempo. Por trás disso estão as velhas ideias que atentaram frontalmente contra a dignidade humana no decorrer da história: abortismo, cultura da morte, utilitarismo social, eugenia, instrumentalização da vida, ódio político, supressão da liberdade de consciência e um desejo deslavado por controle e engenharia social.

Enquanto nós médicos não adquirirmos a cultura e bagagem humanística deixada pela tradição ética tradicional, tendo a vida como objetivo-mor, poderemos ser sempre alvos das piores monstruosidades e distorções da

prática médica. A figura do médico autoritário e prepotente é muito mais visível atualmente que no contexto do passado, talvez porque o médico atual está distraído por devaneios filosóficos que estão matando a medicina, pois a vida humana uma vez destituída da sua posição de prioridade torna-se simples mercadoria. Na utopia é fácil esquecer-se da realidade, já dizia o Mestre que trilhou esse mesmo caminho de compaixão e luta pela vida: “Aquele que quiser salvar a sua vida, perdê-la-á, e quem perder a sua vida, acha-la-á”.

Ricardo Teles – Turma LXIII

EMERGÊNCIA

PISCINOLÓGICA

Caso clínico nº 404 (12/01/2015)

Identificação: paciente F. C. R. C., sexo feminino, 22 anos (com margem de erro de 1 ano pra mais ou pra menos), branca, estudante, solteira, natural e procedente de Goiânia – GO. Estado civil: sólida (porém derretendo).

Queixa Principal: sensação de estar sublimando

História da Doença Atual: paciente relata estar se sentindo mal por motivos de calor do inferno (10/10) há alguns dias (não soube precisar). Refere confusão mental (às vezes não sabe se está realmente viva em uma cidade muito quente ou se morreu e foi pro inferno por ter sentido muita inveja dos amiguinhos que tinham pogobol nos anos 90). A paciente apresenta instabilidade de humor, repentinamente tendo surtos, gritando que não pediu para nascer e que não entende o porquê de tanto sofrimento térmico, se em Goiânia nem tem praia.

Conduta: encaminho a paciente para a piscina mais próxima.

Fernanda C. dos Reis Campos—Turma

LXIII

GRATIDÃO

Todos os dias, desde o acordar, optamos entre dois caminhos: o da gratidão ou o da insatisfação. Isto é, escolhemos entre ter sorte, pessoas encantadoras por perto, maior rendimento nos estudos, saúde, proteção, alegria; ou, tender a manifestar ansiedade, azar, estagnação, tristeza, pessoas que só reclamam ou que só falam mal dos outros e até de nós mesmos. Sim, o fato é que quando nos esforçamos para sintonizar com a gratidão, durante a maior parte do dia, estamos, na verdade, escolhendo um caminho de singular leveza para viver nossos dias a dia, para superar algumas eventuais dificuldades ou para conquistar os nossos sonhos (quais são eles agora que chegamos até aqui?).

Pois bem: logo ao acordar, escolhemos se vamos reclamar de estar com sono ou se vamos agradecer pelo fato genial de estarmos vivos; agradecer aos nossos pais por ter nos dado este corpo perfeito em sua, talvez, imperfeição; agradecer pela água que está ali disponível a nossa higiene pessoal; agradecer pelos alimentos que podem nos nutrir; agradecer ao Sol

que vai iluminar não só o dia que amanhece, mas também o nosso estado de espírito—que renasce. Escolhemos, sim, se vamos criticar o professor que julgamos não ser tão didático ou se vamos olhar para todos os professores com os olhos ávidos por conhecimento, repetindo pra si no início da aula: “muito obrigado(a), esse(a) mestre vai falar exatamente o que eu preciso aprender para a vida e que estará na minha prova!”. Escolhemos se vamos nos estressar com as

diferenças entre nós e os outros ou se vamos amar, amar e amar. Escolhemos se, ao dormir, ficaremos insatisfeitos por não termos

realizado tudo que planejamos ou se vamos dedicar alguns minutos para agradecer aos melhores acontecimentos vivenciados no dia que está a se repousar.

Enfim, por mais complicada que esteja nossa situação, há sempre pessoas em condições muito mais difíceis (sem um terço das oportunidades que temos) e, acredite: muitas delas apresentam uma nobre forma de superação. Desafios quase sempre podem aparecer em nossas vidas

de universitários e, se não tivermos sensibilidade para encontrar alegria e serenidade nas coisas mais simples (como tomar água quando se está com sede; assistir um entardecer, um amanhecer....) ou nas pessoas que estão em nosso convívio (encantando-se com os trejeitos de cada um), a vida vai passar por nós e não vamos percebê-la. Estávamos demasiadamente ocupados reclamando do que não reconhecíamos que já possuímos.



Somos Oceano. Nosso organismo funciona com indecifrável harmonia e, ainda, temos dentro de nós

uma capacidade de aprimoramento que é do tamanho da semana. Então por que ficar olhando só as picuinhas? (isso serve para quem se cobra muito e vê apenas os próprios defeitos; e também para quem só vê defeito nos outros). Aí é outra escolha a se fazer: ver o Oceano ou a picuinha? Buscar enxergar, com gratidão, os Oceanos em nosso cotidiano é uma dedicação genial. Isso atrai acontecimentos realmente bons para nossas vivências

diárias. Sim, sim, quando nossos pensamentos se dirigem em direção à gratidão, naturalmente, a forma como estamos nos sentindo melhora, nosso ambiente se alinha com aquilo que chamamos de “sorte”, mas o melhor de tudo: conseguimos construir um verdadeiro paraíso dentro de nosso pequeno e infinito ser espiritual.

Gabriela Ferreira F. Ribeiro – Turma LXV

CUIDADO, [SPOILER](#):

No final desta crônica, Larissa abandona Flávio, se muda para o Marrocos, casa-se com um marroquino e enriquece com criação e venda de camelos. Quanto a Flávio, ele olha para um avião voando acima de sua cabeça e...

Era um olhar que implorava. O olhar de Flávio, pulsando sentimentos, conjugado com lágrimas cuidadosamente rearranjadas acima da bolsa lacrimal, cruzava a mesa e fulminava Larissa. Jantar à luz de velas. Ele estendia a aliança. O pedido de casamento.-Me deixa cuidar de você até envelhecermos juntos.- Era intenso. Era romântico. Mas ela não podia aceitar. Ela tinha um motivo. Na verdade, o mais forte motivo que poderia latejar em seu coração apertado.

– Flávio – ela procurava escolher as palavras certas para aquele momento incerto –, eu não posso aceitar.

– Por que não?

– Eu não posso, meu querido.

– Mas, você não me ama?

– Amo... É que... Eu não queria estragar tudo.

– Estragar? Mas como?

– Te contando tudo.

– E eu não mereço saber?

– Ok. Mas... é que... eu sei como essa história termina.

– Como assim?

– Me contaram o final da história, Flávio. Da nossa história. Estragaram tudo.

– E essa história acaba?

– Eu vou te abandonar... Sinto muito, querido.

– Me abandonar? Mas você disse que me ama. Por que me abandonaria?

– Não sei quais serão minhas razões. Só me contaram o final. Mas com certeza teremos algumas reviravoltas nesse roteiro.

Flávio estava desconcertado.

– Mas... e como termina, exatamente?

– Eu termino indo embora para o Marrocos.

– Marrocos? Marrocos? Mas que inferno você vai fazer no Marrocos?

– Eu não sei. Eu não sei. – Ela estava agitada. – Como vou saber? Eu nem sei direito onde fica isso. – Larissa deu uma longa pausa. – E tem mais...

– O quê?

– Eu vou casar com um marroquino. E vamos ganhar a vida com comércio de camelos.

Flávio deu uma risada nervosa.

– Isso não faz sentido.

– Eu sei que não.

Eu esperava outro final. Nós dois juntos, felizes para sempre...

Nunca pensei em ir pro Marrocos. E camelos? Meu Deus, eu nunca vi um camelo em toda minha vida.

– Maldição. Isso é spoiler.

– Eu odeio quando acontece. Povo sem noção. Estragaram tudo.

– E o pior... o pior é esse final horrível.

– Sinto muito, querido. Também odiei o final. Totalmente sem graça.

– E o que acontece comigo?

– Eu não sei. Você fica olhando para um avião.

– Que avião?

– Um avião comum, sei lá.

– Eu vou atrás de você?

– Não sei. O final fica em aberto.

– Se fico olhando para um avião, provavelmente vou atrás de você. Talvez tenha



continuação. Nossa

História II.

– Acho difícil. Nossa história não tem conteúdo para isso. É mais provável que esteja *simbolicamente* olhando para mim, uma despedida.

– Odeio isso: finais em aberto.

– Eu também.

– E odeio malditos spoilers.

– E eu então?

Melancolicamente, ele voltou a guardar a aliança no bolso. O casal fez um temível e praticamente interminável silêncio, até que Flávio perguntou:

– Larissa, e o que fazemos agora?

– Só me contaram o final. Então, daqui pro fim, o que acha de a gente tentar improvisar?

Thiago de Paula Eleutério – Turma

LXII

EU TENHO MEDO

Tenho medo de andar sozinha a noite

Me julgam como inferior....

Tenho medo do mercado de trabalho

E de tirar dúvidas com meu professor....

Não quero andar de transporte público

Não devo usar vestido curto

“Mulher tem que se comportar”

“Mulher não pode trabalhar”

Meu corpo,

Um pedaço de carne

Uma mercadoria, um objeto

Não aguento esse desrespeito

Quero minha dignidade por completo

Não é besteira ou exagero

Eu tenho muito medo

A cada minuto 11 mulheres são violentadas no Brasil

Eu não quero ser só mais uma

Me sinto vulnerável como uma pluma

Mas não, não sou!

Sou forte, livre e solta

Sim, vou problematizar

Essa violência precisa parar....

#girlspower #meucorponãopúblico

Natália Daher—Turma LXV

IDOSA NA CONSULTA

Ontem foi dia de levar a vovó ao médico. Ninguém perguntou se ela queria ir. Mas tudo bem, a partir de uma certa condição a gente não tem que querer nada mesmo, é só marcar o dia (o quanto antes) e ir. Logo nos preparativos ela deu sinal de que não estava muito animada; ainda assim fomos. Tudo muito confortável, como se espera de um atendimento particular, apesar de ser pelo plano de saúde.

Adentrando ao consultório da Dra. Fulana, minha avó colocou aquele sorriso costumeiro, tentando parecer o mais agradável possível. Só que foram os passinhos, devagarzinhos, quem cumprimentou aquela Senhora do outro lado da mesa. A impressão foi a que ficou, de que a paciente a ser atendida era lesada demais para seu cotidiano agitado. Daí deu-se a indiferença durante toda a consulta. Imaginei todos os idosos do mundo numa situação semelhante àquela, reféns da vida, dependentes, muitas vezes, de quem os acompanha, não raro, seus companheiros ou a solidão, pois os filhos já se foram.

O exame era ginecológico, o que tornou o momento mais desconfortável ainda.

Falar sobre intimidades não é fácil, pra ninguém. Auxiliei-a no que me coube. Foi difícil o sentar na cadeira para esta idosa que não tinha altura suficiente—nem mais força para se elevar—mas peso de sobra, pra piorar um pouco as coisas. A médica? Só observava mesmo, como se aquele papel não fosse dela. Não, não é, eu sei. Entretanto, ser acessível é essencial num mundo em que se vive as diferenças.

No final da conversa, a Dona havia cumprido sua função: o laudo estava lá, os exames foram feitos, era só passar na recepção e pegar toda a papelada. Só que faltou aquela cordialidade de fim de papo, um “Tá bom?”, “Alguma dúvida?”, “Até breve!”, ou só um esboço de sorriso mesmo, e eu fiquei sem entender se já havia terminado todo o procedimento. Prosseguimos no nosso silêncio enquanto aquela se concentrava na tela do computador, até que ela nos olhou. Aí eu entendi: já era hora de ir embora. Nos despedimos e saímos.

Laine Resende Martins – Turma LXIV

IPÊ AMARELO

A graça do vento esvoaçante penteava os cabelos. Os olhos negros minguados borboleteavam como eclipses efêmeros e grandiosos. O brilho intenso e

profundo de sua íris misteriosamente inocente me cegava em candura. Os sussurros saltaram de sua língua molhada entre os incisivos precisamente corrigidos pelo aparelho colorido. Aaaah e os lábios... como minhas válvulas amorosas, abriam e fechavam em um ritmo perfeito, mas só audível quando tudo a sua volta se cala e você se encontra com uma realidade paralela e singularmente sozinho. Mas não estava lá só, não dessa vez. Algo sincronizou-nos em um drive compartilhado cheio de arquivos anteriormente secretos. Os segredos de nossos corações.

Precisava de mais! Como um usuário sedento! Quero mais! Meu corpo acéfalo se inclinou como uma seta de cupido. Magneticamente atraído, movido por forças etéreas. Primeiro passo, venci a estática da vergonha de ser feliz, segundo passo, estava na lua, flutuei para o terceiro e último passo, já sentia a fita delicada e sedosa da vitória, a maratona estava finda.... não ainda. Os tendões se descombinaram, um terremoto proprioceptivo, um erro fatal, neurônio, ligamento, músculos, ossos, todos em confusão. O dedão toca o asfalto com violência. Fim de festa! O chão se abriu, joelho na testa, peito na brita, óculos

partidos e esparramados em olhares vergonhosamente sorridentes e preocupados.

Mas em toda tragédia se tem uma vitória, ela o vira, pela primeira vez. Mas ele não viu, 6 graus de vidro partido os separaram do primeiro contato. Seria uma cena digna de Hollywood, mas estamos no coração do cerrado brasileiro, em plena seca, cenário impróprio para se respirar confortavelmente e ter suspiros românticos.

Uma gota rolou, manchando o asfalto da avenida universitária, o rubro das escoriações serpenteavam pelos, meia, tênis e pedras negras. Mas não foi essa a gota que entraria na cena. A gota ideal escorria pela pele do rosto dele, uma lágrima?

—Você está bem? Deixa eu te ajudar

As buzinas já soavam insensíveis, mas incapazes de ofuscar a suave voz. O coração disparado em galopes, B3, B4... Será que é ela? Meu Deus, que vergonha! Cadê meus óculos?!? Tateava o chão seco, mas era tarde.

A criatura se aproximou rapidamente, seu calor cheiroso palpou-lhe os braços como um abraço. Tremores gozosos. O corpo tremia. Tanta emoção

em tão pouco tempo, segundos para os desatentos, mas foram os segundos da vida dele. Ali, naquela faixa de pedestre diária, que abraçava agora, encontrei um motivo para viver, um motivo morena, solidária, cuja beleza era de matar.

Outra gota escorria da única nuvem no céu, em pleno agosto. Assistia a tudo, uma plateia celeste sensível a cenas dramáticas.

A queda! Não foi ela a causa do corte da cena. A seca? Poderíamos culpá-la, mas seria de uma abstração enfadonha. Ninguém morre de seca. Os lábios? Esses sim, culpados e réus confessos, hediondos. Não suportaram ouvir o acelerado samba romântico do amor à primeira vista. Selaram o fluxo, interromperam o sangue, repentinamente, fulminante. Fibrilando como um enforcado, agonizando de amor.

—Estou morrendo! (Entendia minha situação dramática)

—O que eu faço???

—Me beija!

O sagrado último pedido. Os lábios se colaram. Os olhos míopes e estatelados em mórbida alegria, antes de fecharem, foram agraciados com a nítida visão do belo ipê amarelo do outro lado da rua, contemplando o beijo no asfalto goiano.

Outra gota. Salina. Escorria ritmada... (the end)...

(Nota do autor: Não era hora, estaria morto, fiz esse personagem para morrer. Mas como diretor, devo reconhecer uma boa cena. A plateia merecia mais. Quem sou eu para contrariar aquela nuvem chorona?)

... Um bipe, outro bipe, um aperto de mão. Já era tarde, mas a bela jovem mantinha sua guarda, atenta a todas ondulações apiculadas e confusas do monitor cardíaco. Agora e pelos próximos 67 anos fora ela a responsável por guardar o coração daquele jovem cardiopata, até serem enterrados, juntos embaixo de um belo Ipê amarelo de agosto.

Corta!

Thiago de Paula Eleutério – Turma LXII



THE REAL ROCK N'ROLLA

Pois é, amigos que bebem, estão cansados de ouvirem aquele famoso discurso de que nós bebemos porque pensamos não ter habilidades sociais suficientes? Ou que nós não precisamos beber para nos divertirmos? Ou que não precisamos beber, pois já somos legais sóbrios (como se eu não soubesse disso tudo)? Eu também.

Bom dia, boa tarde ou boa noite para aqueles que estiverem se aventurando nesse pedaço de minha mente. Falo de uma coisa que me incomoda desde que comecei a beber: pessoas tentam nos persuadir de que o álcool não é necessário em nossas vidas para que existamos. AH, SÉRIO MESMO? Então eu não preciso de etanol no sangue (em concentrações altas, de preferência) para viver ou para me divertir? Essa é a resposta que gostaria de dar para os textos que pensam saber tudo.

Para esclarecer, não tenho nada contra esses textos, desde que abordem uma realidade palpável como a de apresentar o álcool como sendo nocivo à saúde e etc. O problema é que os autores desses textos pensam que nós somos pobres bêbados que não sabem se divertir sem o álcool, pobre coitado (!), pensam eles. O álcool

não é necessário, todos sabemos. Por favor, pulem esse argumento para o próximo texto.

Comecei a beber com 18 anos cravados. Não antes, não depois, no limite que a lei permite. Abre aspas Mas por que você está seguindo esse caminho da destruição pessoal e daqueles coitados? Fecha aspas. Boa pergunta. Como um presidente do Brasil já disse, bebo pois líquido é! Se sólido fosse, comê-lo ia. Ok, dessa vez sem citações. Eu bebo porque gosto, tanto do gosto de algumas bebidas, como a Cuba Libre (nome bem irônico, pois se utiliza coca cola), quanto das situações inusitadas que se seguem após a bebedeira. Não posso falar que sou experiente em beber, pois só tenho 18 anos e bebo há um ano somente. Porém, digo com firmeza que as minhas melhores amizades, aquelas que você guarda com carinho e respeito, não foram feitas nos eventos pós-bebedeira. Acalmem-se, se leram o título e o entenderam sabem que não critico aqueles companheiros que bebem, pois eu os entendo (ressalto que não quis fazer apologia às drogas ilícitas com o texto, quem entendeu o título pode ter pensado nisso). Digo que essas amizades não foram feitas na bebida, foram feitas antes dela. Cito como exemplo um amigo meu, o qual

conheço há mais tempo que conheço meu irmão de 16 anos. Porém, essas amizades foram profundamente modificadas e aprofundadas pelas situações de bebedeira, pois aqueles momentos cantando Infiel com o seu amigo não têm preço.

Ora, então preciso beber para consolidar amizades em um nível ótimo? Claro que não. Não me venham com esses argumentos, por favor. Também tenho amigos que não bebem, e respeito-os muito. Pois sou amigo deles e sei que eles me ajudariam, caso eu precisasse, e eles contam comigo também. Alguns não bebem por motivos religiosos, outros porque já sofreram algumas situações ruins com a bebida que os marcaram e por aí vai. Mas eles sabem que cada caso é um caso diferente e que o que aconteceu com ele não vai, necessariamente, ocorrer com o outro só porque ele bebe.

É óbvio que aquele que bebe tem de se cuidar, porque, realmente, a bebida faz mal. Deve se alimentar direito e tomar água antes de beber, não deve beber até chegar em níveis próximos àqueles que sequelam a pessoa de forma irremediável e deve ter cuidado para não ser uma pedra no caminho de outras pessoas quando bêbado, pois eu mesmo odeio pensar que

atrapalho os outros quando bebo. Ora, pode beber, cair e levantar, mas tome cuidado porque deve-se beber e poder levantar de novo, amigo. Deve-se cuidar da saúde de forma adequada. E é possível fazer isso bebendo e ficando alcoolizado. Só se deve ter cuidado com seu estilo de vida, pois o desequilíbrio leva a doenças como o etilismo.

Bebi, bebo e beberei até eu achar que não quero mais. Por que não quero mais? Não sei, não sei nem se vou parar algum dia. Não bebo devido aos abre aspas malditos donos das empresas de cerveja e de bebidas alcoólicas que fazem a mente dos jovens obrigando-os a beber fecha aspas. Eu bebo pois líquido é e se sólido... tá, foi mal. Eu o faço pois, como já disse, gosto muito das histórias que vêm de situações as mais inusitadas possíveis. Sou um contador de casos, gosto de adquirir novos casos de todas as maneiras possíveis, desde que sejam lícitas e que não me machuquem (ou machuquem os outros). Você pode me dizer que sou viciado em álcool e sou doente, precisando de ajuda. Haverá comentários rudes e de pessoas que não entenderam a razão do texto, achando que eu esteja defendendo que todos devem beber. Afinal, esse é um assunto que, apesar de muito

difundido, é tabu. Quem não tem vergonha de falar que bebe e gosta de beber até ficar chorando com Bruno e Marrone. Abre aspas Você bebe? Fecha aspas abre aspas Bem, só às vezes fecha aspas. As pessoas, em geral, têm vergonha de falar que bebem e que ficam bêbadas. Muitas julgam as outras por falarem abertamente. Esse assunto tem de ser removido da aba de “tabus” e ser discutido abertamente, pois assuntos tão importantes não devem ser mantidos sob restrição. Defendo, pois, o nosso direito de beber.

Enfim, como não curto a maioria dos textos do tamanho dos filmes do Senhor dos Anéis (apesar de gostar muito dos filmes) vou direto ao ponto. The real Rock N’Rolla é isso, saber aproveitar a vida da sua própria maneira, bebendo ou não bebendo, indo em festas ou não, lendo ou assistindo séries de TV. Ou seja, é uma analogia ao *carpe diem*, só que usando o inglês. Porém, como todos sempre vemos nas propagandas do ministério da saúde ou de outros ministérios, usem esses artifícios de maneira lícita e com moderação, sendo essa moderação diferente para cada ser humano. Obrigado pela atenção seus lindos.

João Paulo Viana – Turma LXV

É MUITA TRETA, VISH!

Mais que uma opinião, eu sou um cidadão

Mais que de direita, de esquerda ou de centro, eu sou de Leão

Mais que homem, mais que mulher, sou mais um migué

Mais que hétero, homo ou bi, eu sou quem te trouxe até aqui

Mais que branco, mais que negro, sou a educação de meus herdeiros

Mais que médico, mais que enfermeiro, sou a saúde por inteiro

Mais que InterMed, mais que EngMed, eu sou você sabe o quê

Mais que uma opinião, eu sou.

Mais que uma opinião.

Mais que uma.

Mais que.

Mais.

Eu.

Eu sou.

Eu sou mais

Eu sou mais que

Eu sou mais que uma

Eu sou mais uma mulher, negra,
enfermeira, homo de esquerda

Eu sou mais um homem, branco, médico,
hétero de direita

Eu sou mais que um sexo, cor, profissão,
orientação, posição política

Eu sou mais que uma festa, mais que uma
competição, eu simplesmente

Sou aquilo que você tanto ignora e finge
não ver, mas sabe muito bem o quê.

Sou um cidadão, pleno em direitos e cheio
de opinião.

Gabriela Ferreira F. Ribeiro – Turma LXV

THE WIRE

Os últimos vinte anos foram, inegavelmente, os mais prolíficos da televisão americana. Parte significativa desse *boom* criativo se deveu ao pioneirismo do canal HBO que, ao financiar séries que prezavam por qualidade e integridade artística, tornou-se o paraíso dos roteiristas que procuravam apoio para suas ideias. Disposta a correr riscos financiando

projetos rejeitados por grandes emissoras, a HBO abriu caminho para uma onda de séries que persiste até hoje. O que se seguiu foi uma verdadeira revolução: os canais abertos, como NBC, ABC e CBS, e outros canais fechados, como AMC e Showtime, perceberam a rentabilidade das séries e também passaram a investir nesse mercado, dando origem ao que hoje é chamada de "Terceira Idade de Ouro da TV".

Embora hoje seja reconhecida principalmente por *Game of Thrones*, no início dos anos 2000 a HBO foi a casa de muitas séries antológicas que redefiniram o modo de se fazer televisão, como *The Sopranos*, *Six Feet Under*, *Curb Your Enthusiasm* e *The Wire*. Esta última, embora relativamente pouco conhecida do grande público, foi uma das maiores obras de ficção americana dos últimos anos. Criada e roteirizada pelo ex-repórter policial David Simon, a série oferece uma visão acurada das desigualdades sociais causadas pelo capitalismo tardio nos EUA.

The Wire (ou *A Escuta*, em português; disponível no serviço HBO Go) é uma narrativa dos conflitos entre criminosos e policiais na cidade americana de Baltimore. Cada temporada foca em uma instituição (como o gueto, o sistema

portuário e o governo municipal) e em sua relação com o departamento de polícia da cidade. Dispondo de uma edição rápida e uma miríade de personagens, a série se desnova de forma semelhante a um documentário, mostrando a fundo a corrupção que entremeia as instituições humanas.

Embora não tenha um protagonista fixo, o que acaba por conferir maior realismo e liberdade à série, talvez o seu personagem central seja Jimmy McNulty, um policial com problemas de disciplina e uma vida pessoal conturbada. Seu talento e disposição em resolver casos por vezes chocam-se com a burocracia e corrupção do sistema. O conflito que irrompe no interior de McNulty, a tensão entre o desejo de capturar bandidos e a sua insubordinação a seus superiores, é um dos motores da série e que faz levantar o questionamento: até que ponto alguém pode burlar o sistema a fim de conter o mal sem se tornar ele próprio o mal?

Não é apenas no departamento de polícia que *The Wire* mostra os limites das relações entre indivíduo e comunidade, e até que ponto um pode ser moldado pelo outro. Como é dito várias vezes ao longo da série, a vida é um jogo no qual não nos é dado o direito de escolher qual função

desempenhar. A sua quarta temporada, por exemplo, cujo enfoque é nas crianças do gueto, mostra a continuidade do crime, que é aprendido e ensinado através de gerações. Mesmo com eventuais esforços dos professores das escolas públicas em tentar "recuperar" seus alunos, grande parte das crianças já está fadada a perpetuar o tráfico nas esquinas de Baltimore.

A sociedade, porém, não é a única responsável pela derrocada moral de um indivíduo. *The Wire* também é sobre a natureza humana, sobre a vocação e a disposição do homem em fazer o mal. Este é algo cuja existência é real, duradoura e que independe de esforços humanos que tentem contê-la. *The Wire* é a tragédia do homem que tenta superar a corrupção de seu meio até ele próprio se deixar ser corrompido. Seus personagens são seres que por vezes tentam transcender o ambiente no qual estão inseridos, mas cuja própria natureza caída os impede de se salvarem.

Por conta da complexidade das situações e das nuances dos personagens, "meritocracia" ou qualquer outro termo que sugere uma espécie de "justiça cósmica" soa como ingenuidade para o universo de *The Wire*. Poder-se-ia pensar,

portanto, que a misantropia de David Simon minasse qualquer possibilidade de redenção de seus personagens. Mas *The Wire* admite heróis: para a série, o vencedor não seria aquele que consertasse o sistema, mas aquele que melhor se esquivasse da corrupção que o cerca.

Apesar de ter arrancado elogios da crítica durante todo o seu período de exibição e atualmente figurar nas listas de melhores séries da TV, *The Wire* nunca foi um sucesso de audiência. David Simon constantemente precisou batalhar com os executivos da emissora para evitar o cancelamento de sua série. Simon também não fazia parte do *lobby* auto-congratatório de produtores que monopolizavam (e ainda monopolizam) as premiações televisivas, e acredita-se que por isso *The Wire* tenha sido por muitos anos esnobada pelo Emmy Awards. Dessa forma, torna-se fundamental prestar homenagem a uma série cujo prestígio foi relegado à posteridade, e que conseguiu não apenas denunciar as mazelas de uma cidade específica, mas de denunciar os problemas que nos definem enquanto seres humanos.

Samuel Boitar – Turma LXII

UM RETRATO DOLOROSO

Você está em um lugar sem lei, onde você é invencível. Nesse lugar seus inimigos são impotentes, suas balas não têm poder nem de causar-lhe dor, quanto mais de detê-lo. Aqui você pode matar, mas não haverá julgamento, nem represália, e a lei nada fará. Aqui você pode fazer o que quiser, ser quem você quiser, ou, simplesmente, revelar quem você já é.

Bem-vindo a *Westworld*.

[Não contém spoilers]

Em tempos de tantas séries sendo produzidas, é até difícil escolher o que assistir. Sim, *Game of Thrones*, *Narcos*, *Stranger Things* e *Black Mirror* (e tantas outras mais) são ótimas séries, mas *Westworld* merece seu lugar entre esses gigantes.

Idealizada por Jonathan Nolan e Lisa Joy, e produzida conjuntamente com J. J. Abrams a série da HBO estreou em 2 de outubro de 2016. Foi baseada no filme homônimo de 1973, que foi escrito e dirigido pelo escritor norte-americano Michael Crichton, e também em sua continuação, *Futureworld*, de 1976.

A série se passa num futuro próximo e conta a história de um parque de diversões temático, que reproduz o velho oeste. Nesse parque o visitante paga para entrar em um parque habitado por robôs, que são exatamente iguais (exteriormente) a seres humanos, os “anfitriões”, que são conscientes, porém, sua inteligência artificial é limitada pela programação dos funcionários do parque. Os visitantes podem optar por participar em “narrativas” pré-determinadas ou explorar o parque. Os anfitriões (que, ironicamente, são muito mais humanizados que as próprias pessoas) têm a função de entreter os convidados, os levando para aventuras e realizando quaisquer desejos que eles tiverem.

Um dos méritos dessa série é a maneira de contar a história, o espectador vai imergindo no mundo do parque, à medida que novas tramas se desenrolam e deixam cada vez mais complexa a narrativa. Surgiram, ao longo da série, diversas teorias de fãs sobre acontecimentos da história, assim como em *Lost*, mas diferentemente dessa última, não há pontas soltas em *Westworld*. Nessa obra cada detalhe importa, e descobrir os segredos da série junto com os protagonistas faz a experiência muito

melhor, por isso, se for assistir, se prive de fóruns e tome cuidado com os spoilers, para não perder muito das surpresas da série.

Outra vantagem de *Westworld* é o fato de haver várias camadas na série. Há quem veja pela ação (apesar de o ritmo ser lento), para os conspiracionistas, há intrigas e mistérios, para os entusiastas de ficção científica há o futurismo e a tecnologia, e para os pensadores, a série permeia temas como predestinação e livre arbítrio.

Para quem não se encaixa em nenhuma dessas categorias, a história (e a maneira como ela é contada) certamente faz a série valer a pena. Obviamente, existem pequenas falhas, que, no entanto, não diminuem a qualidade do seriado, e que não citarei para não dar spoilers. Além de todos esses motivos, o elenco em geral atua de forma excelente, se destacando: Jeffrey Wright, Anthony Hopkins, Evan Rachel Wood e Ed Harris, que tem atuações extraordinárias.

Como Jonathan Nolan disse, “a violência está na maioria das histórias que gostamos de assistir, mas não faz parte do que gostamos de fazer”, e isso faz de *Westworld* uma série diferente. É agonizante ver malfeitores invencíveis, e

os mocinhos impotentes, além de o fato de haver uma história muito maior se desenrolando ao fundo, enquanto os protagonistas se envolvem cada vez mais em suas próprias histórias.

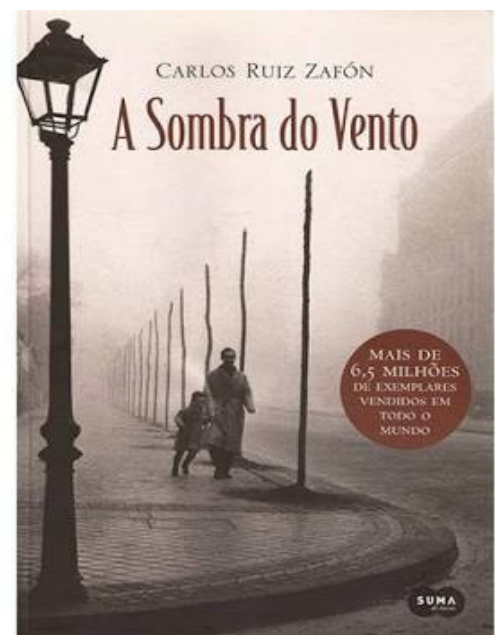
Westworld é um retrato da natureza humana, ao retirar todas as amarras civilizatórias, mostra como o ser humano pode ser animalesco e selvagem. A série é um retrato doloroso (e real) de quem podemos nos tornar sem lutar contra nossos impulsos. Por isso assistir é tão agonizante, e importante, para descobrir quem você se tornaria em Westworld.

**Marcos Kozlowski Bechepeche –
Turma LXII**

RESENHA CRÍTICA

A Sombra do Vento é um livro lançado em 2001, escrito pelo espanhol Carlos Ruiz Zafón. Trata-se de um romance metalinguístico, trágico e misterioso que narra a vida de Daniel Sempere, um garoto que cresce imerso na envolvente e sombria história de Julian Carax, então autor de “A sombra do Vento”, dentro da narrativa.

Numa Barcelona pós-guerra, que se mostra o palco perfeito tanto para o amor quanto para o ódio se manifestarem, Zafón guia o leitor com uma linguagem repleta de sutis e apaixonantes figurações, muito próxima à de Mia Couto, deixando no ar todo tipo de questionamento.



Gabriela Ferreira – Turma LXV

É QUEM SÃO ESTES HOMENAGEADOS?

Acadêmicos da Faculdade de Medicina da Universidade Federal de Goiás (FM/UFG) estão acostumados a participar de rodízios em diversos hospitais de Goiânia, principalmente durante o internato. Antes disso, ainda temos contato com grandes hospitais da cidade em estágios de ligas, em campanhas, além de outras atividades que

nos afastam do Hospital das Clínicas. Porém, se nos atentarmos, perceberemos que algumas pessoas nomeiam alguns desses centros de saúde. Afinal, quem foram essas pessoas? Foram médicos? Políticos? Qual foi seu papel para receberem tal homenagem?

Muitas das personalidades que nomeiam grandes hospitais foram importantes médicos goianos que tiveram fundamental importância no desenvolvimento da nossa medicina. Hospital de Doenças Tropicais Dr. Anuar Auad foi nomeado devido ao dermatologista goiano com importantes achados no tratamento do vitiligo. Hospital Geral de Goiânia Alberto Rassi foi nomeado em homenagem a um dos médicos importantes para a evolução da medicina goiana. Além disso, entre tantas outras homenagens, ainda há nossa atlética, Associação Atlética Acadêmica Joffre Marcondes de Rezende, que homenageia um gastroenterologista fundamental para o desenvolvimento da nossa Faculdade de Medicina e que desenvolveu pesquisas de grande importância para a Doença de Chagas.

No segundo ano do novo currículo da medicina, implementado a partir da turma 62, que ingressou em 2014, há a

oportunidade para aprender um pouco sobre tais personalidades que modificaram a nossa medicina, afinal, foi estabelecida a disciplina de História da Medicina. No entanto, em meio a tanto conteúdo, tanto da própria disciplina, quanto de outras disciplinas concomitantes, pode ser difícil dispendir tempo para esse assunto específico, a história da medicina goiana.

O livro *“Médicos e Medicina em Goiás: do séc. XVIII aos dias de hoje”* é uma boa forma de entender um pouco como se deu o desenvolvimento da medicina goiana e de conhecer os principais médicos de nosso estado, que se destacaram não somente na própria medicina, mas também em outras áreas, como na política. Este livro, de autoria de Lúri Rincon Godinho, é de fácil leitura e pode auxiliar não somente aqueles que estão cursando a disciplina do segundo ano, como também aqueles que gostam de história e desejam aprofundar o conhecimento sobre diversos aspectos de nossa medicina, como o desenvolvimento de hospitais importantes e a própria fundação de nossa faculdade, a Casa de Francisco. Casa de Francisco? Sim, mais uma homenagem, desta vez a Francisco Ludovico de Almeida Neto, que teve papel fundamental para a formação da

Faculdade de Medicina da Universidade
Federal de Goiás.



Matheus Spadeto Aires – Turma LXII